

Atenção: Esta é uma versão de degustação do livro

Escravidão, Amor & Perdão

Terceiro Livro da Série

As Vidas de Andorra

Valeria Lopes

pelo Espírito Andorra



Palavras de Amor, Sementes de Luz!!!

Copyright © 2025 por Piu Books LLC

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra, de qualquer forma ou por qualquer meio eletrônico, mecânico, inclusive por meio de processos xerográficos, fotocópia, gravação, etc. incluindo ainda o uso da internet, tampouco apropriada ou estocada em sistema de banco de dados sem a expressa permissão da editora Piu Books LLC, na pessoa de seu editor (Lei nº 9.610, de 19-02-1998). Todos os direitos reservados desta edição pela Piu Books LLC (v11)

Sumário Livro Completo

Dedicatória.....	6
Nota da Autora.....	7
Introdução.....	9
Capítulo 1 – A Ruína.....	10
Capítulo 2 – As Escolhas de Cada Um.....	74
Capítulo 3 – Sob o Domínio das Sombras.....	168
Capítulo 4 – A Fatalidade.....	245
Capítulo 5 – Reparando os Erros do Passado.....	268
Capítulo 6 – O Resgate.....	336
Capítulo 7 – Uma Nova Vida Recomeça.....	344
Mensagem de Andorra.....	345
Romances da Série: As Vidas de Andorra.....	346
Série: As Vidas de Andorra.....	348
A Autora – Valeria Lopes.....	350
A Editora – PiuBook.....	351

Capítulo 1 – A Ruína

Brasil, Século XIX.

Na segunda metade do século dezenove, em uma conhecida cidade do interior de São Paulo no Brasil, a jovem Lucya vivia com a sua família na casa-grande¹ de uma renomada fazenda produtora de café. O seu pai, o temido e conhecido barão Rodolfo, havia herdado e multiplicado a fortuna deixada por seus antepassados, conduzindo com pulso firme o negócio de produção de café. Assim como todos os produtores do país, o barão explorava a mão de obra escrava de homens, mulheres e crianças de descendência africana, tanto na plantação, como servindo à família na casa-grande.

Lucya tinha a pele clara, os cabelos loiros e olhos azuis — traços marcantes que revelavam a sua ascendência europeia. A filha mais velha do barão havia acabado de completar vinte anos de idade. No entanto, embora a linda jovem estivesse na idade de começar a pensar em casamento, até aquele momento, ela não havia conhecido nenhum rapaz que houvesse despertado o seu interesse. No fundo de seu coração, Lucya não tinha planos de se casar com ninguém, desejando permanecer solteira e livre para continuar a vivendo na fazenda ao lado dos pais e irmãos.

No entanto, o patriarca da família tinha outros planos para ela. Até aquele momento, sem que a filha desconfiasse de suas intenções, o orgulhoso barão havia mantido os interessados em cortejar Lucya à distância. Após avaliar criteriosamente cada um dos pretendentes, Rodolfo acabou recusando todas as ofertas de casamento que recebeu para a filha, por estar certo de que ainda não havia encontrado o homem adequado para desposar a mão de sua encantadora e valiosa primogênita.

Martha, a filha mais nova, apesar da beleza herdada da mãe e da sua inegável inteligência, não possuía o mesmo fascínio e carisma de Lucya. O seu corpo franzino e a sua baixa estatura, aliadas à inevitável comparação em relação à beleza inigualável da irmã mais velha, a mantinham relegada à sombra de Lucya. Esta cruel realidade, acabou impedindo que Martha fosse percebida por todos como uma bela mulher.

Gustavo, o irmão do meio, havia herdado a beleza da mãe com as características másculas do pai, sendo considerado por todos tão bonito quanto a irmã mais velha. No entanto, ao contrário de Lucya, o belo e sedutor rapaz tinha uma personalidade fraca, que o levava a ser dominado pelo forte e enérgico temperamento do pai. A vaidade, o orgulho e a covardia, eram aspectos marcantes do seu caráter, fazendo com que o jovem herdeiro não fosse uma pessoa em quem se pudesse confiar.

Rodolfo, sempre adotou uma postura severa na condução dos negócios e do núcleo familiar, seguindo os rígidos costumes e exigências sociais da época. Assim, tanto na família quanto na fazenda, o temido barão era quem dava as ordens, sendo apoiado incondicionalmente pelo comportamento subserviente da esposa, Melena, que obedecia ao marido sem jamais ousar pensar em contestá-lo.

¹ Casa-grande “1. Casa de fazenda construída no tempo colonial do Brasil. 2. Casa de proprietários de engenho.” Referência: Dicionário Michaelis Online da Língua Portuguesa. michaelis.uol.com.br/palavra/DVAa/casa-grande/

Lucya, era uma jovem afetuosa, que se mostrava quase sempre obediente às ordens do pai ou da mãe, servindo de exemplo para os irmãos mais novos. No entanto, devido a forte personalidade que possuía, quando por alguma razão ela discordava de algo, não se omitia, procurando sempre encontrar uma forma de fazer os pais mudarem de opinião. Mesmo que para isso, por vezes, em razão das circunstâncias, ela fosse obrigada a esconder ou dissimular suas verdadeiras intenções.

O poder da família do temido barão era conhecido em toda a região, mas a influência alcançada por Rodolfo em todo o país havia feito com que ele superasse as realizações dos seus antepassados. Ao gerenciar com astúcia e mão de ferro todo o processo de produção e venda do café ao consumidor final, o ambicioso e orgulhoso barão, havia conseguido multiplicar de maneira substancial a fortuna que havia herdado dos pais.

No entanto, para conseguir alcançar os seus ambiciosos objetivos, o inescrupuloso barão, não hesitava em usar toda a sua influência e poder, para sair sempre vitorioso de uma negociação. Mesmo que para isso, fosse necessário utilizar métodos não ortodoxos para eliminar uma concorrência indesejada ou alguém que se atrevesse a se colocar em seu caminho.

Gustavo, o futuro herdeiro do império que estava sendo construído pelo pai, era a maior alegria de Rodolfo. Seguindo o exemplo de seus antepassados, desde a infância, o barão começou a preparar o seu único filho homem, para um dia, assumir o seu legado. Apesar da forte influência que ele tinha sobre o rapaz, Rodolfo sempre fez todas as vontades do filho, levando-o a se tornar um jovem autoritário, mimado e irresponsável.

O futuro barão, admirava o poder e a influência do pai, sonhando um dia assumir o seu lugar. No entanto, entre tudo o que havia aprendido ao lado de Rodolfo, o que o rapaz mais apreciava, eram os encontros de negócios com homens influentes da região e de todo o país, que eram realizados em luxuosos salões de jogos. Ao final das negociações, as reuniões sempre terminavam em uma mesa de jogo, ao lado de belas mulheres, bebidas e muito dinheiro. Ao longo dos anos, este hábito acabou virando um vício, fazendo com que pai e filho se tornassem jogadores compulsivos.

Influenciados pelo prazer inebriante do ambiente que envolvia as mesas de jogo, Gustavo e Rodolfo foram pouco a pouco perdendo o controle das apostas, passando a perder pequenas fortunas. Sem que percebessem, a ilusória euforia causada pelos raros momentos em que saíam vitoriosos, acabaram se transformando em um incontornável estímulo para a compulsão que os dominava, fazendo com que pai e filho elevassem as apostas, acreditando que na rodada seguinte, virariam o jogo, recuperando muito mais do que haviam perdido.

Assim, de excesso em excesso, Gustavo e Rodolfo conseguiram dilapidar o vultoso patrimônio da família, fazendo com que nem todo o lucro obtido com a produção e venda das duas futuras safras de café conseguissem cobrir as dívidas geradas por suas apostas irresponsáveis. Em meio à sombra da falência, os negócios da família começaram a desandar, fazendo com que, rapidamente, tanto a produção como a venda do valioso produto passassem a ser afetados, indo de mal a pior.

A notícia da suposta falência iminente do poderoso barão do café se espalhou como pólvora por toda a região e pelo país. No entanto, apesar dos rumores, Rodolfo e Gustavo continuavam agindo normalmente, como se nada estivesse acontecendo, sem perder a pose, o orgulho e muito menos a autoridade. O vício do jogo, os havia cegado por completo, não permitindo que eles percebessem o abismo em que haviam caído, colocando em risco a fortuna, a segurança e o futuro da família.

No entanto, com o passar do tempo, o resultado das apostas inconsequentes de pai e filho, não tardaram a se apresentar, fazendo com que o orgulhoso barão Rodolfo tivesse que encarar

a incômoda realidade. Na casa-grande, Lucya começou a perceber que havia algo errado acontecendo, quando o seu pai passou a demonstrar preocupação e a reclamar com frequência das despesas da fazenda, colocando a culpa nos gastos elevados que eram necessários para manter os indolentes escravos.

Em meio às dívidas que se acumulavam, o barão resolveu reduzir a alimentação dos escravos da fazenda pela metade, mesmo sabendo que a economia gerada por esta desumana e arriscada decisão seria irrisória, em comparação ao tamanho da sua dívida. Sendo assim, após a ordem ser dada ao capataz da fazenda pelo barão, a refeição principal dos escravos passou a ser realizada somente na parte da manhã, antes deles irem trabalhar na plantação. No final da tarde, ao retornarem à senzala², todos teriam direito apenas a um pedaço de pão.

Desde a infância, Lucya sempre nutriu um carinho especial pelos escravos da fazenda, não suportando vê-los sofrendo ou sendo castigados, submetidos a uma condição de vida desumana. Medindo com astúcia as suas palavras e atitudes, ela sempre intercedeu em favor de todos eles, impedindo em inúmeras ocasiões, que o capataz da fazenda os castigasse ou os tratasse com desumanidade, mesmo sabendo que depois, seria repreendida pelo pai.

Embora contrariado com a interferência de Lucya no seu trabalho com os escravos, o homem de confiança do barão acatava todas as ordens da sinhazinha, por saber que nada poderia fazer contra ela, exceto informar ao barão o que havia ocorrido.

No final da tarde, como era de costume, o capataz prestava contas de tudo o que havia acontecido na fazenda e recebia novas ordens do barão. Muitas vezes, antes de se retirar, Tião olhava para o chão e terminava o relato do dia, comentando com cautela sobre a interferência da sinhazinha, protegendo os escravos. Logo após ser informado sobre o ocorrido, Rodolfo dispensava o seu homem de confiança, mantendo o rosto impassível.

Pouco depois, Lucya era trazida até o escritório do pai por Melena, e sem demora, a jovem começava a explicar tudo o que havia acontecido e as razões que a levaram a interferir no trabalho do capataz. Após ouvi-la, Rodolfo a repreendia e a colocava de castigo no quarto. No entanto, no dia seguinte, ele liberava a filha da punição, por saber que a bondosa atitude dela, muitas vezes impedia o capataz de ultrapassar os limites aceitáveis dos castigos que deviam ser aplicados aos escravos. Usando esta estratégia, o barão evitava que a ignorância e os excessos, que muitas vezes eram cometidos por seu homem de confiança, acabassem causando prejuízos a ele, sem que fosse necessário repreendê-lo.

À noite, quando Lucya soube da decisão do pai em reduzir pela metade a alimentação dos escravos, uma dor profunda atravessou o seu coração. Mas, sem deixar transparecer o que estava sentindo, ela pensou:

“Eu preciso fazer alguma coisa. Não posso ficar calada diante desta decisão cruel do meu pai, piorando ainda mais, a situação desumana a que são submetidos todos estes homens, mulheres e crianças que trabalham de sol a sol na fazenda. Mas, para alcançar o meu objetivo, eu não posso me deixar levar pela emoção. Para o bem de todos, eu preciso encontrar uma forma de convencer o meu pai, sem demonstrar a minha indignação.”

Após toda família se reunir para jantar, a farta refeição foi colocada à mesa. Enquanto observava os pratos saborosos que foram servidos àquela noite, Lucya pensava em uma forma de reverter a cruel decisão de seu pai. Sentindo o coração apertado, ela fingiu se alimentar, mas

² Senzala “Habitação usada como alojamento para os escravos negros, trazidos ao Brasil, durante o período de escravidão (entre o século XVI e XIX).” Referência: *Dicio - Dicionário Online da Língua Portuguesa*. dicio.com.br/senzala/

ao longo da sua encenação, uma profunda indignação a envolveu, quando então, sem conseguir se controlar, ela disse:

— Pai, eu peço desculpas por interromper o jantar, mas não consigo parar de pensar nos homens, mulheres e crianças que estão famintos na senzala. Portanto, eu gostaria de pedir que o senhor me permitisse levar as sobras da nossa refeição desta noite para eles, em vez de entregá-las aos cães da fazenda.

Furioso com o atrevimento da filha, Rodolfo fulminou Lucya com um olhar de reprovação e respondeu a ela com austeridade:

— Desde quando as mulheres desta casa têm o direito de achar alguma coisa?

Surpresa com a ousadia da filha, principalmente por conhecer o temperamento agressivo do marido, Melena a repreendeu discretamente com o olhar. Logo em seguida, tentando contornar a embaraçosa situação criada por Lucya, ela disse:

— Senhor meu marido, perdoe a insensatez da nossa filha. Eu tenho certeza de que ela não falou por mal. O senhor sabe como a Lucya desde a infância, sempre se preocupou demais com os escravos da fazenda...

— Mas, já passou da hora dela parar com essa tolice!

— O senhor meu marido, tem toda a razão. Eu andei pensando sobre o futuro da nossa filha e acredito que está na hora dela amadurecer. Sendo assim, quem sabe, um bom casamento, seja o que Lucya está precisando para assumir novas responsabilidades, fazendo com que ela pare de se preocupar com o que não deve...

Após esboçar um breve sorriso, Rodolfo complementou com sarcasmo:

— Até que enfim, a minha amada esposa disse algo sensato! Eu venho pensando neste assunto há algum tempo. Portanto, não se preocupe. Eu estou escolhendo um bom partido para desposar a nossa querida filha. E, acredito que muito em breve, Lucya terá um pretendente à altura do nome da nossa família.

Assim que ouviu aquela incômoda afirmação, Lucya se engasgou, surpreendida com o rumo que a conversa tomou. No entanto, tentando disfarçar a sua preocupação com os escravos e a total aversão que sentia com a possibilidade de ter um casamento arranjado pelo pai, ela disse:

— Pai, a minha intenção ao fazer essa sugestão foi apenas pensando no bem da fazenda. O senhor, mais do que ninguém, sabe muito bem que escravos famintos ficam fracos e adoecem, e, com isso, não trabalham como deveriam. Portanto, eu não vejo nenhuma razão para o senhor me arranjar um marido só por causa disso...

Sem hesitar, Gustavo sorriu e disse ironicamente, imitando os gestos e a atitude do pai:

— Minha querida irmãzinha, todos nós sabemos da sua nobre intenção de proteger os escravos, pensando apenas na produção da fazenda. Mas, eu tenho certeza de que muito em breve, você não precisará mais se preocupar com esse assunto que não lhe diz respeito...

Irritada com a intromissão do irmão, mas ao mesmo tempo, determinada a descobrir o que o Gustavo sabia, Lucya perguntou:

— O que você está querendo dizer com isso?

Antes que a conversa acalorada entre os irmãos fizesse com que Gustavo deixasse escapar algo sobre a complicada situação financeira da família, Rodolfo interrompeu a conversa, dizendo com firmeza:

— Esta conversa está encerrada. Lucya, quando eu encontrar um pretendente para desposá-la, você será informada. Agora vamos terminar de jantar, em silêncio.

Respeitando a ordem de Rodolfo, todos voltaram a comer, com exceção de Lucya, enquanto Martha, que nada havia falado durante a discussão, pensou, com raiva:

“Ao contrário da minha querida irmã, como eu gostaria de me casar. Só assim, eu poderia sair desta casa e nunca mais voltar.”

Alguns minutos depois, quando todos acabaram de comer, Rodolfo levantou-se da cadeira, anunciando o final do jantar. Somente com a permissão dele, a família podia deixar a mesa. Após abraçar Gustavo, o barão seguiu em direção à biblioteca acompanhado do filho, para um jogo de cartas. Logo em seguida, as filhas acompanharam Melena até a sala de estar, como elas sempre faziam todas as noites após o jantar, para juntas, lerem um romance. Ao longo da leitura, Martha interpretava os personagens nos diálogos, Lucya narrava os acontecimentos, enquanto Melena desfrutava da história e da companhia das filhas.

Algumas horas depois, o silêncio da noite e a leitura foram interrompidos pelo som dos tambores que vinham de longe, da senzala. Lucya, como de costume, ficou fascinada pelo ritmo envolvente e cadenciado das batidas dos atabaques³ acompanhando em silêncio as melodias sagradas que os escravos cantavam louvando os orixás⁴, quando de repente, ela entrou em transe.

Ao notar a mudança no olhar da filha, a matriarca da família não pôde deixar de perceber que os lábios de Lucya se movimentavam discretamente, parecendo acompanhar as misteriosas músicas dos escravos. Naquele instante, Melena sentiu um incômodo arrepio percorrer todo o seu corpo. Assustada com o que estava acontecendo, ela começou a pensar na possibilidade da sua primogênita ter sido enfeitiçada.

Enquanto isso, alheia a tudo ao seu redor, Lucya era envolvida por uma agradável sensação causada pela música sagrada que vibrava em sua alma. Sem perceber, ela começou a murmurar as cantigas entoadas no dialeto africano com espantosa desenvoltura... e, apesar de ser incapaz de compreender cada uma daquelas palavras através da razão, ela podia sentir profundamente o que elas falavam ao seu coração.

Preocupada com a filha, Melena interrompeu o transe de Lucya, dizendo:

— Lucya, você poderia parar de murmurar estas estranhas melodias e continuar a leitura do livro? Eu sinto medo só de imaginar o que o seu pai faria com os escravos, se testemunhasse a filha dele cantarolando estas músicas...

As palavras de Melena, fizeram Lucya sair do transe em que estava. Após um breve suspiro, ela respondeu:

— A senhora tem razão, minha mãe. Mas, eu não vejo mal algum em apreciar melodias tão envolventes, que tocam profundamente o meu coração...

Apavorada com as palavras da filha, Melena colocou a mão à boca de Lucya, para evitar que ela continuasse a falar... antes que Rodolfo pudesse escutar o imprudente comentário dela. Então, contidamente, ela a repreendeu:

³ *Atabaque* “Tambor feito com a pele de um animal distendida sobre um pau oco. É percutido com as mãos e pode ter vários tamanhos. Sua origem é africana e sua difusão no Brasil foi feita pelos escravos negros.” Referência: Dicio - Dicionário Online da Língua Portuguesa. dicio.com.br/atabaque/

⁴ *Orixá* “[Religião] Nome comum e genérico atribuído às divindades africanas que, trazidas ao Brasil pelos negros escravizados, foram incorporadas por várias denominações religiosas; são ancestrais divinos que se materializam em forças da natureza, mediando as relações entre o homem e os seres sobrenaturais.” Referência: Dicio - Dicionário Online da Língua Portuguesa. dicio.com.br/orixa-2/

— Lucy, pelo amor que você tem a mim, se o seu pai escutar a loucura que você acabou de dizer, eu não sei o que ele seria capaz de fazer com você...

Inconformada, Martha olhou indignada para a mãe, sem conseguir se controlar diante do medo que Melena sempre demonstrou sentir do marido.

— Mãe, por que a senhora sempre se comporta de forma tão covarde e submissa na presença do nosso pai? A senhora vive dominada pelo medo, a tal ponto, que parece ter pavor até de pensar, como se o meu pai pudesse ouvir os seus pensamentos... Nenhuma pessoa deveria se submeter a uma situação tão humilhante. Onde está o seu orgulho?

As lágrimas nos olhos de Melena e o silêncio, foram a resposta dela à filha. Comovida, Lucy abraçou a mãe e olhou furiosa para Martha, que não se intimidou e disse:

— A Lucy finge não se incomodar com o seu comportamento submisso em relação ao seu marido, mas, eu não consigo mais me calar...

Ao perceber a tristeza no olhar da mãe, Lucy disse em voz baixa, brigando com a irmã:

— Pare com isso Martha! Você não percebe o quanto as suas palavras estão magoando a nossa mãe?

— Me desculpe Lucy, mas eu não suporto mais testemunhar esta obediência silenciosa da nossa mãe. O nosso pai sempre faz o que quer e bem entende e ela nunca se opõe, mesmo quando ele está errado, e principalmente, quando ele a ofende...

Apesar de concordar com Martha, Lucy saiu em defesa da mãe, incomodada com a forma rude como a irmã estava tratando um assunto tão delicado.

— Minha irmã, agora chega! A mamãe não merece ouvir palavras tão duras da boca de sua própria filha.

Mesmo percebendo o sofrimento que as suas palavras estavam causando à mãe, Martha respirou fundo e continuou:

— Lucy, um dia você ainda me dará razão, quando vier a sofrer na própria pele as consequências do comportamento autocrático do nosso pai. Tudo o que eu estou dizendo, não tem a intenção de magoar a nossa mãe, muito pelo contrário... eu estou apenas tentando fazer com que ela passe a exigir do marido o respeito que ela merece. Para o bem dela e para o nosso bem. Senão, o que será de nós, se ela não ficar do nosso lado quando for preciso?

Lucy se preparava para responder, quando Melena segurou a mão das duas filhas, olhou para elas com lágrimas nos olhos e disse:

— Martha, você tem razão. No entanto, você precisa compreender que eu fui criada para ser submissa. Primeiro, ao meu pai, e depois de me casar, ao meu marido. E, por mais que eu tenha tentado mudar, infelizmente, eu ainda não consegui. O meu corpo estremece de medo, só de ouvir a voz do seu pai. Portanto, eu acredito que jamais serei capaz de contrariá-lo. No fundo da minha alma, eu sinto vergonha da minha fraqueza... por isso, eu estou abrindo o meu coração a vocês duas, sem reservas, para pedir que me entendam e me perdoem.

Emocionadas, Martha e Lucy abraçaram carinhosamente a mãe, que continuou a dizer emocionada:

— Apesar dessa minha fragilidade, o meu maior desejo como mãe é que você, a Lucy e o Gustavo sejam muito felizes.

Após enxugar carinhosamente as lágrimas que rolavam pelo rosto de Melena, Lucy disse:

— Bom, chega desta conversa por hoje. Agora, que tudo foi dito, acho que está na hora de encerrarmos essa conversa e descansarmos.

Concordando com Lucy, as três se levantaram. Após entreolharem-se com cumplicidade, Melena beijou as filhas carinhosamente no rosto. Abraçadas, elas seguiram juntas até o corredor, onde então se separaram, recolhendo-se cada uma ao seu aposento.

Enquanto isso, na biblioteca, pai e filho se divertiam e apostavam, jogando cartas. Quando, de repente, irritado por estar perdendo, Gustavo acabou com o jogo, arremessando as cartas que estava em cima da mesa no chão. Logo depois, ele olhou para o pai e disse contrariado:

— Esse barulho infernal tira toda a minha concentração. Pai, eu não sei como o senhor permite este sacrilégio, deixando os escravos da fazenda continuarem a realizar estes rituais primitivos... Para mim, todas estas pavorosas cantigas são invocações do mal. Nas fazendas de vários amigos nossos, estes rituais foram proibidos por acreditarem se tratar de magia negra.

Sem dar importância ao comentário do filho, Rodolfo respondeu, com um gesto de desdém:

— Meu filho, enquanto estes escravos cantam e batucam, eles esquecem da fome e do sofrimento, e por incrível que pareça, no dia seguinte, todos eles trabalham com muito mais vigor. Eu não sei de onde eles conseguem tirar tanta energia. Portanto, enquanto isso não interferir no trabalho deles na fazenda, eu não farei nada para impedir que eles cultuem ou celebrem, seja lá o que for. Apenas por esta razão, eu permito que eles continuem com essa maldita cantoria.

— Pai, eu entendo os seus motivos..., mas, mesmo assim, eu acho que estas canções, acompanhadas pelo som desses tambores, são invocações que eles fazem de forças contrárias ao bem. Essa energia sobrenatural que eles adquirem após os cultos só pode ser magia negra...

Após colocar a mão no ombro do filho, o barão respondeu:

— Se eles cultuam o bem ou o mal, sinceramente, eu não dou a mínima importância, desde que eles continuem a trabalhar. E, como, até hoje, estes rituais não me prejudicaram em nada, pelo contrário, só me beneficiaram, eu quero mais é que eles continuem a celebrar. Além disso, eu tenho coisas mais importantes com que me preocupar. Agora, está na hora de irmos dormir. Amanhã, teremos um longo dia pela frente.

Após Gustavo concordar com o pai, os dois seguiram abraçados até o corredor e antes de Rodolfo entrar em seu quarto, ele sorriu e disse:

— Amanhã, nós vamos continuar o jogo de onde paramos. A cantoria dos escravos não será a desculpa que você precisava para me passar a perna...

Sorrindo, Gustavo disse:

— Combinado. Amanhã, eu tenho certeza de que será o meu dia de sorte...

Naquela noite, o ritual sagrado dos escravos rompeu a madrugada. Enquanto isso, em seu quarto, Lucya tentava conciliar o sono, mas o som dos atabaques e das cantigas africanas a deixavam encantadas, acelerando as batidas do seu coração.

Ao perceber que não conseguiria dormir, Lucya resolveu se levantar e abrir a janela, não apenas para sentir a agradável brisa da noite, mas também, para poder escutar melhor a música que vinha da senzala. Envolvida pela magia das palavras entoadas com tanta emoção pelos escravos, de repente, o silêncio se fez presente, quando uma voz solene de mulher entoou palavras estranhas que pareciam louvar o nome de alguém.

— Ora iê iê ô ⁵, ìyá mi Oxum ^{6 7} !

Por alguns minutos, a saudação foi repetida, até que o som de um lamento, ecoou pela noite estrelada.

Naquele mesmo instante, Lucya começou a suar frio, enquanto sentia um arrepio percorrer todo o seu corpo. Sem conseguir entender o que estava acontecendo, ela sentou-se na cama. De repente, a visão dela começou a ficar turva, como se fosse perder os sentidos. Atordoadas, elas se deitaram, respiraram fundo e pensaram:

“Meu Deus, o que está acontecendo comigo? Será que o meu irmão tem razão? As cantigas dos escravos têm alguma relação com as forças do mal?”

Alguns minutos depois, o silêncio envolveu a escuridão da noite.

Vencida pelo cansaço, Lucya acabou adormecendo. No entanto, sonhos estranhos a inquietaram, fazendo com que ela passasse o resto da noite revirando o corpo na cama.

Assim que o sol raiou, Lucya acordou sentindo-se exausta. O silêncio na casa-grande a fez perceber que o dia mal havia despertado e que todos da família ainda deviam estar dormindo. Após um profundo suspiro, ela resolveu se levantar e ir até a cozinha, na esperança de encontrar a sua ama de leite ⁸.

Ao entrar na cozinha, Lucya viu que as escravas estavam preparando o café da manhã. Assim que elas perceberem a chegada da sinhozinha, todas se assustaram, com exceção de mãe Nonô. Ao ver a sua querida filha do coração, a ama de leite de Lucya, sorriu para ela e continuou sentada à mesa, terminando de comer a sua pequena refeição.

A sábia e venerada anciã, mãe Nonô, era respeitada e amada por Lucya e os escravos da fazenda, sendo considerada por todos como uma verdadeira “mãe”, tanto no sentido espiritual como no literal. Ninguém sabia ao certo quantos anos ela tinha, mas a julgar por sua aparência, os anos de escravidão haviam cobrado o seu preço, fazendo com que ela parecesse ter em torno dos oitenta anos de idade.

A presença da sinhozinha na cozinha, fez com que todas as escravas se levantassem nervosas da mesa, olhando receosas para o chão, enquanto mãe Nonô continuava a comer sua refeição tranquilamente. Ao perceber o incômodo que havia causado às escravas, Lucya disse carinhosamente:

— Por favor, fiquem à vontade. Podem continuar os seus afazeres. Eu não quero incomodá-las.

Receosas, elas olharam para mãe Nonô, que sorriu para elas e fez um movimento com as mãos, mostrando que elas poderiam voltar a trabalhar. Apesar de não estarem sentindo-se confortáveis com a presença de alguém da família na cozinha, elas voltaram ao trabalho, em silêncio. Querendo agradecer, Sebastiana, a escrava responsável pelo funcionamento da casa-grande, se aproximou de Lucya, sorriu e perguntou:

⁵ *Ora iê iê ô* “Saudação a orixá Oxum, inspirada na tradição iorubá. Significa, *salve a senhora da bondade*.”

⁶ *Oxum* “Na religião iorubá Oxum, é o orixá que reina sobre a água doce dos rios, o amor, a intimidade, a beleza, a riqueza e a diplomacia. Também é um orixá do candomblé. Oxum é dona do ouro e da nação ijexá. Tem o título de ìyálodè entre os orixás.” Referência: FERREIRA, A. B. H. *Novo dicionário da língua portuguesa*. 2ª edição. Rio de Janeiro. Nova Fronteira. 1986. p. 1 242.

⁷ *ìyá mi Oxum* “Significa, *minha mãe Oxum*”

⁸ *Ama de leite* “Mulher que amamenta a criança alheia.” Referência: dicionario.priberam.org/amadeileite

— A sinhazinha está precisando de alguma coisa?

— Não, obrigada Sebastiana.

Logo depois, Lucya olhou na direção de mãe Nonô, que se esforçava para mastigar um pedaço de pão, enquanto o molhava na caneca com leite e café, tentando amaciá-lo. Sentindo o coração envolvido por uma afetuosa e confortante emoção, ela se aproximou da anciã e perguntou:

— Como vai, mãe Nonô? Há muito tempo que eu não vejo a senhora, eu estava começando a ficar preocupada...

Após ser acolhida pelo sorriso franco e afetuoso de sua ama de leite, Lucya sentou-se ao lado dela, enquanto Nonô admirava com um olhar carinhoso a filha do coração. Logo em seguida, com uma voz suave e rouca, a anciã respondeu pausadamente:

— Mesmo sem trabalhar na casa-grande há muito tempo, eu estou feliz por ver como a sinhazinha se tornou uma moça bonita, em todos os sentidos...

— Porque a senhora parou de trabalhar na casa-grande?

— Ah, sinhazinha! Isso é uma longa história. Mas, tudo seguiu os abençoados caminhos que foram traçados para mim por Olorum⁹. Então, não precisa se preocupar com isso. Eu estou muito bem, vivendo ao lado dos meus filhos de coração na senzala. Agora, na minha idade, eu não tenho mais forças para trabalhar no cafezal... então, eu ajudo a preparar a comida, cuido dos doentes e dos bebês, enquanto os mais jovens trabalham na plantação.

— Mãe Nonô, eu posso fazer uma pergunta à senhora?

— Claro, minha filha.

— O que falam as cantigas que ontem à noite foram entoadas pelos escravos?

— Elas falam de amor, coragem, dos nossos deuses, da nossa terra mãe, a África, e da nossa fé...

Enquanto mãe Nonô falava, Lucya observava as profundas marcas das cicatrizes deixadas pelo chicote de Tião no corpo da anciã. Naquele instante, Lucya voltou à infância, lembrando-se de como ela sofria e chorava quando era impedida de evitar os severos e desumanos castigos que o capataz aplicava em sua amada mãe Nonô e nos outros escravos da fazenda.

Desde muito jovem, Tião gerenciava e disciplinava os escravos com mão de ferro, seguindo as ordens do barão. O poder que ele tinha em suas mãos, controlando o destino de cada uma daquelas pessoas, o inebriava de prazer, ao mesmo tempo em que carregava em seu coração, um ódio mortal por todos eles.

Penalizada pelas lembranças do passado, lágrimas envolveram os olhos de Lucya, que ficou comovida com o sofrimento vivido por sua amada mãe Nonô. No entanto, apesar de tudo, o olhar da anciã transbordava sabedoria, humildade e bondade, revelando a elevação espiritual daquela alma iluminada pela força do amor.

Ao perceber os olhos marejados de sua filha do coração, a anciã leu os seus pensamentos, sentindo a dor que ela trazia em seu coração. Então, mãe Nonô sorriu, enxugou as lágrimas de Lucya e disse carinhosamente:

— Minha menina, por favor não fique triste. Você não tem culpa da ignorância das pessoas que ainda não encontraram o caminho do amor em seus corações. Mas, eu tenho fé em Olorum, de que um dia, a escravidão e todo esse sofrimento terá um fim.

⁹ *Olorum ou Olórun* “Deus supremo da tradição iorubá; ente divino responsável pela criação de tudo, acima dos orixás, e que representa a fonte de toda a existência.” Referência: *Dicionário Aurélio*.

— Eu não vejo a hora desse dia chegar...

Mãe Nonô, passou a mão carinhosamente no rosto de Lucya e continuou:

— Mas, enquanto aguardo esse momento tão esperado por todos que sofrem, de uma forma ou de outra, com a escravidão... eu sigo procurando aprender as grandes lições que estou tendo oportunidade de viver nesta existência. Minha pequena, tenha certeza de que tudo o que acontece em nossas vidas tem uma razão de ser. Olorum, em sua bondade e amor infinitos, está sempre nos ensinando, através de experiências agradáveis e difíceis que acontecem em nossas vidas, a fortalecermos a nossa fé e os nossos passos no caminho do amor...

As palavras e o brilho da profunda sabedoria que transbordavam do olhar e do coração de mãe Nonô, tocaram profundamente Lucya. Então, a jovem perguntou:

— Mas, mãe Nonô, diante de um mundo com tantas injustiças, o que devemos fazer?

Após um breve suspiro, mãe Nonô respondeu:

— A parte que nos cabe, minha filha. Escolhendo com sabedoria e amor cada um de nossos passos... Assim, pouco a pouco, nos integramos à luz do amor de Olorum, evoluindo como almas em busca da verdade, desvendando os mistérios da vida e da morte, enquanto nos libertamos das ilusões da matéria para um dia, alcançarmos plenamente o esplendor da paz e da harmonia que existe neste abençoado e magnífico universo do Criador...

Por alguns instantes, um profundo silêncio se fez presente, enquanto as palavras da anciã tocavam profundamente a alma de Lucya. Pouco depois, mãe Nonô sorriu e disse:

— E, como prova do amor de Olorum, eu tive a bênção de dar à luz e criar um filho, graças a bondade e justiça de Xangô¹⁰.

— Eu não sabia que a senhora tinha tido um filho... como ele se chama?

— O nome dele é Oxalufã.

Ao ouvir o nome do filho de mãe Nonô ser pronunciado, Lucya sentiu uma agradável sensação, como se o conhecesse, mesmo sem nunca tê-lo visto. Então, ela disse:

— Que nome singular...

— Eu escolhi esse nome em homenagem à Oxalá manifestado como Lufã, que em sonho, entregou o meu filho em meus braços, pouco antes de eu descobrir que seria mãe de um menino. O meu filho Oxalufã é uma alma antiga, que traz em seu coração bondade, coragem e dignidade. Ele é um rei mandado pelos orixás, para ajudar o nosso povo...

Envolvida pela estranha emoção que o nome Oxalufã havia lhe causado, Lucya sorriu. Naquele instante, um barulho de passos caminhando pelo corredor, vindo do interior da casa-grande, a trouxe de volta à realidade. Sem demora, as escravas que estavam distraídas, ouvindo a conversa entre Lucya e mãe Nonô, voltaram a realizar os seus afazeres. Após segurar carinhosamente a mão de Lucya, a anciã disse:

— Os seus pais acordaram. Seria prudente se eles não encontrassem a sinhazinha conversando com uma escrava.

Após olhar carinhosamente para Lucya, a anciã se levantou da mesa, sorriu e disse:

— Agora eu vou voltar para a senzala. Que Olorum a proteja, minha menina.

¹⁰ Xangô “É o orixá da justiça, dos raios, do trovão e do fogo.” Referência: FERREIRA, A. B. H. *Novo dicionário da língua portuguesa*. 2ª edição. Rio de Janeiro. Nova Fronteira. 1986. p. 1 795.

Comovida com o amor e a delicadeza da bondosa mãe Nonô, Lucya beijou suavemente as mãos dela e depois a olhou com ternura, pedindo silenciosamente perdão a ela, pela ignorância e injustiças cometidas por sua família.

Compreendendo o olhar de Lucya, mãe Nonô passou carinhosamente a mão envelhecida no rosto da jovem, respirou fundo e disse emocionada, certificando-se que todas as escravas que estavam na cozinha pudessem ouvi-la:

— O seu destino está ligado ao nosso por laços misteriosos e invisíveis, que levarão a sinhazinha a enfrentar difíceis provações. Minha bondosa menina, na sua difícil jornada, nunca perca a sua fé e busque refúgio na oração, pedindo ao Criador que te dê forças para superar os enormes desafios que atravessarão o seu caminho nesta vida. Que a nossa amada, mamãe Oxum, tenha piedade de todos nós.

Ao longo do dia, a rotina da fazenda seguiu o seu curso, com a maioria dos escravos indo trabalhar na plantação de café, os idosos permanecendo na senzala para cuidar dos bebês e doentes, enquanto algumas mulheres trabalhavam na casa-grande, cuidando dos afazeres domésticos, sob o olhar atento de Sebastiana.

Logo após o café da manhã, Rodolfo e Gustavo foram à cidade tratar de negócios, na tentativa de conseguir mais um empréstimo para realizar o plantio da próxima safra. Entretanto, como a reputação do barão estava desacreditada em toda a região, ninguém estava disposto a arriscar o seu dinheiro na mão de dois jogadores compulsivos, que haviam perdido uma fortuna na mesa de jogo.

Assim, após se reunir com vários homens de negócios da região, Rodolfo não conseguiu o empréstimo de que precisava. Ao sair da última reunião, ele pensou irritado:

“Em breve, os meus credores irão até a fazenda para receber o que devo a eles, mas se não houver café, eu não terei como pagá-los. E, agora, o que eu vou fazer para resolver essa situação?”

Após refletir por alguns instantes, Rodolfo chegou a uma conclusão:

“A minha única alternativa é hipotecar a fazenda para conseguir um empréstimo.”

Por dois dias, Rodolfo tentou encontrar entre os seus credores alguém que quisesse negociar a hipoteca da sua fazenda em troca de um novo empréstimo, mas não obteve sucesso. Todos os homens com quem conversou, por serem ávidos negociadores e conhecerem a real situação do barão, viram a frágil situação em que estava o poderoso Rodolfo como uma excelente oportunidade. Então, sem exceção, todos preferiram aguardar a falência do barão, para comprarem a fazenda e os negócios da família por um valor irrisório. Depois, eles dividiriam as terras e as fontes de renda de forma proporcional ao valor investido por cada um deles.

Alguns dias se passaram...

No último dia, antes do vencimento dos empréstimos que declarariam oficialmente a falência do barão, um amigo de Rodolfo o apresentou a um rico fazendeiro que tinha acabado de chegar do sul do país, à procura de novos negócios. Percebendo que este encontro poderia ser a oportunidade que ele estava precisando para salvar a fazenda, os olhos do astuto barão brilharam. Ele se aproveitaria da ignorância do forasteiro quanto à sua real situação financeira para realizar um excelente negócio. Após conversarem por algumas horas, Rodolfo convenceu Frederico a fazer o empréstimo a ele, usando a fazenda como garantia.

Frederico, tinha quarenta e oito anos de idade, era viúvo e pai de um belo rapaz que se chamava, Diogo. Apesar da sua invejável situação financeira, que havia sido conseguida através

das fazendas de criação de gado que ele possuía no sul do país, Frederico era um homem rude e descortês. Os seus pais por serem de origem muito humilde, não tiveram condições de colocá-lo em uma escola. Desde a infância, ele precisou trabalhar para ajudar no sustento da família. Apesar da pouca instrução, desde criança, o astuto menino demonstrou através da sua aguçada inteligência que um dia, se tornaria um homem de sucesso nos negócios.

Assim, ao longo dos anos, além das fazendas de gado, Frederico conquistou parte da sua grande fortuna nas mesas de jogo, usando com maestria a habilidade de trapacear nas cartas que havia sido ensinada por seu pai. Um homem sem escrúpulos, violento, alcoólatra e trapaceiro, que veio a falecer em uma briga, quando o filho ainda não havia completado os treze anos de idade.

Seguindo o exemplo do pai, a especialidade de Frederico era se aproveitar de homens tolos e viciados no jogo, tirando sem piedade todo o seu dinheiro. A fama de bom jogador era conhecida apenas em clubes privados, frequentados por homens abastados no sul do país. Em toda a região, Frederico era temido e odiado por muitos jogadores compulsivos, que haviam perdido verdadeiras fortunas para o astuto fazendeiro nas mesas de jogo.

Após assinarem um contrato de empréstimo tendo a fazenda como garantia do negócio, Rodolfo falou aliviado:

— Eu agradeço a sua confiança, senhor Frederico. Pode estar certo, de que muito em breve eu quitarei a minha dívida com o senhor.

— Barão Rodolfo, foi um prazer ajudá-lo, mas eu quero que o senhor saiba que para mim, negócios são negócios. Portanto, quando a sua dívida vencer, se o senhor não me pagar o que deve, eu tomarei a sua fazenda, com tudo o que estiver dentro, incluindo os seus escravos.

— Não se preocupe, senhor Frederico, isso não vai acontecer. Eu e o meu filho pagaremos a nossa dívida no prazo acordado. Agora, para celebrarmos o nosso acordo, eu gostaria de convidá-lo para jantar na minha casa esta noite. Eu posso contar com a honra da sua presença?

Satisfeito com o convite, Frederico sorriu e respondeu:

— Claro. Será um prazer.

— Ótimo. Às sete horas o meu capataz virá buscá-lo na hospedaria.

— Combinado. Eu estarei aguardando no saguão.

Logo em seguida, Rodolfo, Gustavo e Frederico se despediram. Quando pai e filho retornaram à fazenda, Rodolfo avisou à esposa e às filhas que naquela noite, eles receberiam um convidado de honra para jantar.

No início da noite, às sete horas em ponto, toda a família aguardava o ilustre visitante na sala de estar, enquanto Rodolfo pensava:

“O senhor Frederico apesar de não ser de linhagem nobre, é um homem de considerável fortuna. O jantar desta noite será o primeiro passo para tentar estreitar os laços de amizade com ele, fazendo com que eu encontre uma forma de tirar proveito dessa relação.”

Após tomar um gole de conhaque francês, o barão esboçou um maldoso sorriso e continuou a refletir:

“Esse bendito forasteiro não ter conhecimento da minha real situação financeira foi crucial para que eu me beneficiasse nesta negociação. Com o dinheiro que recebi, eu poderei pagar boa parte das minhas dívidas, jogando um balde de água fria no plano sórdido dos meus credores. Eles certamente haviam se unido contra mim, para me levar à falência. Canalhas! A intenção deles era forçar a minha ruína, para depois, se apossarem do meu império por uma ninharia. Mas, pensando melhor, eu não posso culpá-los por isso, pois teria agido da mesma forma se estivesse no lugar deles.”

Após um breve suspiro, Rodolfo encheu novamente a taça de conhaque e pensou:

“Graças a Deus, eu não corro mais o risco desta tragédia acontecer. Agora, eu só preciso usar o considerável dinheiro que restará do empréstimo para financiar a próxima safra. Eu tenho certeza de que farei uma verdadeira fortuna com a venda do café na próxima colheita. Os ventos estão soprando a meu favor. Os preços elevados do café no mercado atualmente, permitirão que eu pague o empréstimo, o restante das minhas dívidas e ainda me sobre uma considerável quantia. Depois desta fase difícil ser superada, tudo voltará a ser como antes.”

Logo em seguida, pensando em impressionar Frederico, Rodolfo perguntou à esposa:

— Melena, o que será oferecido no jantar desta noite?

A esposa sorriu e respondeu com segurança:

— Não se preocupe, senhor meu marido, a ceia desta noite será digna de um rei.

Curiosa para descobrir quem era o convidado misterioso que o barão desejava tanto agradar, Martha perguntou:

— Pai, quem virá jantar conosco esta noite?

— Um rico fazendeiro da região sul do país, apresentado a mim por um amigo. Eu o convidei para vir à nossa casa esta noite para que possamos nos conhecer melhor e tratarmos de negócios.

Ao descobrir que o visitante era um fazendeiro rico de outra região do país, Martha mudou de atitude, demonstrando através do brilho em seu olhar, um vívido interesse em conhecer o forasteiro. Desde a infância, a linda jovem sempre sonhou em se casar com um homem que a levasse para longe daquela fazenda, mas principalmente para longe da sua família.

Martha nunca se reconheceu como parte daquele núcleo familiar. O pai para ela, era um homem distante e frio, pelo qual ela não nutria nenhuma afeição. A mãe, apesar da bondade que havia em seu sofrido coração, causava à filha apenas um profundo sentimento de compaixão, mas nenhuma admiração. O irmão, para ela, não passava de um tolo sem personalidade, característica que ela não suportava, principalmente por Gustavo tentar se tornar a versão mais jovem do pai. Lucya era a única pessoa da família a quem Martha nutria carinho e admiração, apesar do ciúme que ela sentia pela inigualável beleza da irmã. Mesmo se esforçando para abafar a culpa e a inquietação que a dominavam, Martha não conseguia se livrar dos sentimentos sombrios que envolviam o seu coração.

Pouco depois, o som dos cavalos se aproximando da entrada da fazenda, anunciou a chegada do ilustre visitante. Sem demora, todos da família se levantaram e permaneceram na sala de estar, enquanto Rodolfo se dirigiu até a porta de entrada da casa-grande. Assim que os cavalos pararam em frente à casa-grande, Frederico desceu da carruagem acompanhado de um jovem rapaz. Sem demora, os convidados se aproximaram de Rodolfo que os recebeu dizendo cordialmente:

— Boa noite senhor Frederico, seja muito bem-vindo à minha casa.

— Eu agradeço a sua calorosa recepção e gostaria de aproveitar a oportunidade para apresentá-lo ao meu filho Diogo, que acabou de chegar de viagem.

Rodolfo estendeu a mão para cumprimentar o rapaz e disse:

— É um prazer conhecê-lo.

— O prazer é todo meu, barão Rodolfo.

— Por favor, vamos entrar — disse o anfitrião.

Enquanto subiam as escadas que levavam até a entrada principal da casa-grande, Frederico disse orgulhoso:

— O meu amado e único filho Diogo, é o meu braço direito tanto na vida como nos negócios.

— Vejo que como eu, o senhor foi abençoado com um filho varão que está sendo preparado para herdar o seu legado no futuro. O que mais um pai poderia desejar?

— O senhor tem toda razão.

Pouco depois, Frederico e Diogo entraram na sala de estar acompanhados por Rodolfo, que fez as devidas apresentações. Assim que Martha olhou para o jovem rapaz, ela ficou encantada. Diogo não era um homem bonito, mas a máscula simetria de seu rosto e a estrutura vigorosa de seu corpo, atraíam o olhar das mulheres e Martha, não foi uma exceção.

Naquele instante, Rodolfo percebeu a ausência de Lucy e perguntou irritado:

— Onde está a Lucy?

Percebendo o descontentamento no tom de voz do marido, Melena respondeu com medo da sua reação:

— Ela estava aqui ao meu lado agora mesmo, senhor meu marido, mas...

Visivelmente contrariado com a ausência da filha, Rodolfo olhou enfurecido para a esposa. Entendendo o recado, Melena pediu licença prestes a ir procurar a filha, quando Lucy apareceu na sala dizendo:

— Pai, eu devo pedir desculpas pela minha ausência momentânea. Mas, eu decidi ir até a cozinha me certificar de que tudo está em ordem para recebermos os seus convidados.

Ainda demonstrando irritação, Rodolfo respondeu secamente:

— Esta obrigação não é sua, mas, sim, da sua mãe...

Naquele instante, Frederico que estava distraído conversando com Gustavo, virou-se curioso para descobrir de quem era aquela voz suave que atraiu a sua atenção. Para sua surpresa, ao olhar pela primeira vez para Lucy, ele ficou sem palavras, impactado com a estonteante beleza daquela jovem, que era infinitamente superior a suavidade de sua voz encantadora.

A pele alva como uma flor de algodão, os olhos azuis emoldurados por uma fisionomia delicada, com lábios e maçãs do rosto levemente coradas que combinavam com os longos cabelos dourados como ouro, exaltavam à inigualável beleza de Lucy. A presença daquela linda mulher à sua frente, diferente de todas que Frederico já conhecera na vida, o deixou completamente fascinado.

Ao perceber a irritação do pai, Lucy tentou poupar a mãe de ser repreendida pelo marido e se curvou ligeiramente, dizendo educadamente:

— É um prazer conhecê-lo, senhor Frederico.

Envolvido pela beleza de Lucy, Frederico não retribuiu o cumprimento e continuou a admirá-la extasiado. Assim que Diogo notou o constrangimento que o pai estava causando à filha do barão, ele esbarrou discretamente no braço dele, na esperança de tirá-lo do transe em que estava. Ao voltar à realidade, Frederico curvou-se ligeiramente disse:

— Por favor, perdoe a minha falta de cortesia, senhorita. Mas, eu preciso confessar que a sua beleza me deixou sem palavras. O prazer é todo meu.

Surpresa com o inesperado elogio, Lucy ficou ruborizada, demonstrando que havia ficado desconcertada com aquelas palavras e com a inconveniência do olhar de Frederico. Ao perceber o encantamento que Lucy havia causado em seus dois convidados, Rodolfo esboçou um breve e malicioso sorriso.

Logo em seguida, o barão convidou a todos a acompanhá-lo até o salão de refeições e a ocuparem seus lugares à mesa, para que o jantar fosse servido.

Algumas horas depois, os acontecimentos da noite haviam superado em muito as expectativas de Rodolfo. Durante todo o jantar, os homens conversavam descontraidamente enquanto as mulheres permaneciam em silêncio, respondendo apenas às perguntas que eram

dirigidas a elas. No final do jantar, o anfitrião pediu a todos que o acompanhassem até à sala de estar. Após acomodarem-se confortavelmente, Frederico disse:

— Barão Rodolfo, se me permitir, eu gostaria de fazer um elogio à sua esposa, agradecendo o jantar maravilhoso desta noite. Simplesmente, magnífico!

Satisfeito com o elogio, Rodolfo segurou a mão da esposa e disse:

— Para nós, é um prazer poder oferecer o melhor aos nossos convidados.

Aproveitando o momento de descontração, Martha ofereceu aos homens opções de licores e destilados, servindo-os com cortesia e interessada dedicação. Apesar do esforço da filha mais jovem do casal para chamar a atenção dos convidados, ao longo de toda a noite, os olhares de Frederico e Diogo haviam sido capturados pela beleza de Lucy. Enquanto sorvia um pouco de conhaque francês, Rodolfo sorriu e pensou:

“A quem eu devo oferecer a mão da minha filha mais velha? Ao pai ou ao filho?”

Durante toda a noite, Lucy ficou constrangida com o olhar indiscreto e insistente de Frederico, que não disfarçava o seu interesse por ela. Diogo também não conseguia parar de admirá-la, porém discretamente.

Pensando em uma forma de ficar à sós com Lucy, Frederico perguntou:

— Barão Rodolfo, eu não pude deixar de observar os detalhes da entrada e do jardim da sua casa. Eu sou um profundo admirador de arquitetura, especialmente as construções com influência europeia.

— O seu comentário demonstra que o senhor é um bom observador. Esta casa foi construída no estilo neoclássico, refletindo a elegância, a tradição e o prestígio do nome da família.

— Interessante. Se o senhor permitir, eu gostaria que a senhorita Lucy me levasse para conhecer o jardim, de onde eu poderia apreciar melhor, os detalhes desta verdadeira obra de arte.

Surpresa com a ousada sugestão de Frederico, Lucy olhou assustada para o pai, esperando que ele negasse o pedido. No entanto, para o seu desespero, em vez disso, Rodolfo sorriu e disse:

— A minha filha terá um enorme prazer em atender o seu desejo.

Sem saída, Lucy tentou disfarçar o desconforto que sentiu quando Frederico aproximou-se dela, oferecendo o antebraço para que ela apoiasse a mão e o acompanhasse. Ao perceber o incômodo de Lucy, Melena lembrou da conversa que teve com as filhas. Naquele instante, ela encheu-se de coragem e tentou socorrer Lucy, dizendo:

— Gustavo, você poderia acompanhar a sua irmã e o nosso convidado neste passeio. Eu tenho certeza de que o senhor Frederico não irá se opor a atender ao pedido de uma mãe zelosa pela reputação de sua filha.

Surpreso com a atitude de Melena, Rodolfo lançou um olhar fulminante à esposa. Mas, mantendo as aparências, ele disse com tranquilidade:

— Minha querida, a sua preocupação com a nossa filha demonstra aos nossos convidados o quanto a nossa família valoriza a tradição e os bons costumes. Mas, o senhor Frederico é um honrado cavalheiro. Apenas por esta razão, eu autorizei que a nossa adorada Lucy fizesse a gentileza de acompanhá-lo sozinha neste passeio pelo jardim.

Satisfeito com a intervenção de Rodolfo, Frederico disse, aparentando arrependimento:

— Esta noite, eu me senti tão à vontade em sua casa, que só agora percebi que o meu pedido talvez não tenha sido apropriado. Então, eu...

Sorrindo, Rodolfo o interrompeu e disse:

— A sua sincera e espontânea declaração me causou grande contentamento, uma vez que compartilho do mesmo sentimento que o senhor... a tal ponto, que me fez esquecer de qualquer

formalidade, como se fôssemos velhos conhecidos. Portanto, não se preocupe, a minha filha terá um enorme prazer em acompanhá-lo. Enquanto isso, eu, Gustavo e Diogo ficaremos na biblioteca, conversando e nos distraindo com um jogo de cartas.

Naquele momento, um brilho sombrio surgiu no olhar de Frederico, mas arditamente, ele disfarçou o seu entusiasmo e disse em tom de brincadeira:

— Cuidado com o Diogo! Por favor, não permitam que ele me leve à falência... nós dois somos jogadores casuais e sinceramente, nunca tivemos muita sorte no jogo, especialmente nas cartas.

Ao ouvir a declaração ardilosa do pai, Diogo que o conhecia como ninguém, olhou para Frederico discretamente, demonstrando contrariedade. Ao mesmo tempo em que Rodolfo e Gustavo ficaram empolgados com a possibilidade de lucrar aquela noite, à custa da inexperiência de seus convidados.

Sorrindo, o barão respondeu, em tom de brincadeira:

— Não se preocupe, aproveite o passeio ao lado da minha amada filha. Como bons anfitriões, nós não temos a menor intenção de levar nossos amigos à bancarrota.

Percebendo o brilho da ganância no olhar de Rodolfo e Gustavo, Frederico apenas sorriu e seguiu em direção ao jardim, acompanhado por Lucia.

Sem dar margem para mais contratempos, Rodolfo conduziu Diogo até a biblioteca, acompanhado por Gustavo e convidou o rapaz para sentar-se à mesa de jogo. Sem ter como recusar, ele sorriu e aceitou o convite. Durante o jogo Diogo não conseguiu se concentrar, perdendo algumas oportunidades ao longo das partidas, enquanto olhava discretamente pela janela à procura de Lucia e do seu pai.

Enquanto isso, no jardim, enquanto Frederico tentava romper o silêncio de Lucia com uma conversa sobre a arquitetura da casa-grande, a jovem limitava-se a responder suas perguntas educadamente. Lucia não sentia-se à vontade ao lado de Frederico, principalmente pelo brilho sombrio e indiscreto que ela percebia em seu olhar. Todo aquele jogo de palavras entre Frederico e o seu pai haviam feito com que ela ficasse em estado de alerta. Naquele momento, Lucia sentia-se como um objeto exposto em uma vitrine, pronto para ser vendido ao forasteiro. Aquela inquietante situação a deixou sufocada. Então, querendo se livrar da presença daquele homem o mais rápido possível, ela aproveitou um momento de silêncio e disse:

— Senhor Frederico, o frio da noite está começando a me incomodar. Por favor, vamos retornar à casa-grande.

Apesar do apelo de Lucia, Frederico insistiu para que eles ficassem um pouco mais no jardim, mas ela não cedeu. Então, naturalmente, a jovem deu os primeiros passos em direção à casa-grande, quando sentiu o seu antebraço ser puxado com força. Surpresa com a atitude de Frederico, ela virou-se para ele e perguntou indignada:

— O que o senhor está fazendo?

— Nada demais. Eu não admito que qualquer pessoa me dê as costas enquanto estou falando.

Sem se intimidar com a atitude grosseira de Frederico, Lucia tentou desvencilhar-se dele, mas não conseguiu. Então, olhando para ele furiosa, gritou entre os dentes:

— Largue o meu braço! O senhor está me machucando!

A atitude audaciosa de Lucia, instigou ainda mais o fascínio de Frederico por ela. Então, com um brilho de desejo no olhar, ele sorriu e disse:

— Eu adoro mulheres de temperamento forte...

A afirmação de Frederico fez Lucia ficar ruborizada, mas procurando uma forma de sair daquela delicada situação, ela disse com irritação, fingindo ingenuidade:

— O que o senhor está querendo dizer com isso?

Com um sorriso malicioso, Frederico respondeu:

— A senhorita vai entender quando chegar a hora...

A ousadia e a falta de educação daquele homem haviam passado de todos os limites. Enfurecida, Lucya puxou o braço com raiva, conseguindo desvencilhar-se de Frederico. Sem olhar para trás, ela seguiu apressada em direção à casa-grande, enquanto ele admirava-a de longe, completamente fascinado.

“Eu estou perdidamente apaixonado por você, menina. Agora você será minha, custe o que custar.”

Ao entrar na casa-grande, Lucya respirou profundamente, tentando controlar suas emoções e pensou:

“Eu preciso encontrar uma forma de me recolher aos meus aposentos, sem que o meu pai me obrigue a continuar entretendo esse homem.”

Pouco depois, disfarçando a raiva que a envolvia, Lucya entrou na biblioteca. Ao perceber que os homens haviam acabado de finalizar uma rodada do jogo de cartas, ela aproximou-se da mesa onde Rodolfo, Gustavo e Diogo estavam e disse:

— Boa noite, cavalheiros.

Ao notar que a filha estava sozinha, Rodolfo perguntou:

— Onde está o senhor Frederico?

— Ele resolveu ficar um pouco mais no jardim para admirar...

Interrompendo a filha, o barão perguntou irritado:

— E por que a senhorita não ficou fazendo companhia ao meu convidado?

— Porque não estou me sentindo bem. E, acredito que seria indelicado da minha parte atrapalhar o passeio do senhor Frederico por causa da minha indisposição.

Acreditando que a filha deveria estar no período menstrual, Rodolfo achou melhor não estender aquela conversa e disse:

— Ah, as mulheres e as suas indisposições mensais...

Percebendo que o pai havia acreditado na desculpa que ela havia inventado, Lucya disse, colocando a mão suavemente na testa:

— Pai, eu vim pedir ao senhor para me recolher mais cedo aos meus aposentos. Infelizmente, eu estou sentindo uma incômoda dor de cabeça esta noite.

Mesmo contrariado, Rodolfo deu um longo suspiro e disse:

— Sendo assim, apesar de lamentar a sua indisposição, não há nada que eu possa fazer além de permitir que você vá descansar.

Durante a conversa entre pai e filha, Diogo percebeu que algo havia acontecido e que Lucya estava dando uma desculpa para se retirar. Aliviada com a autorização do pai, Lucya disse:

— Boa noite, cavalheiros. Com licença.

Educadamente, Diogo levantou-se e após curvar levemente a cabeça, disse respeitosamente:

— Estimo a sua melhora, senhorita Lucya. Foi um enorme prazer conhecê-la.

— Obrigada, senhor Diogo. O prazer foi todo meu. Boa noite.

Assim que Lucya virou-se para sair da biblioteca, ela encontrou Frederico, admirando-a da porta, incapaz de disfarçar o seu interesse por ela. Sorrindo com malícia, ele disse:

— Boa noite, senhorita Lucya. Faço minhas as palavras do meu filho e agradeço a sua agradável companhia durante o passeio desta noite.

Esboçando um sorriso calculado, Lucya respondeu:

— Boa noite, senhor Frederico.

Naquele instante, Martha percebeu os olhares interessados de pai e filho, completamente fascinados por Lucy. Sentindo-se preterida e com o orgulho ferido, ela pensou:

“Será que um dia, algum homem se encantará por mim e não pela minha irmã?”

Assim que Lucy se retirou, Rodolfo iniciou uma conversa com Frederico sobre a história da origem nobre de sua família e da fazenda. Enquanto isso, Gustavo e Diogo, ficaram fazendo companhia à Martha e Melena. A jovem caçula, aproveitou a oportunidade para monopolizar a atenção do rapaz, usando com inteligência e discrição todo o seu charme feminino. Ao longo da conversa, ela pensou:

“Entre pai e filho, certamente Diogo é a melhor opção. O interesse do meu pai em querer agradar o senhor Frederico, obrigando a minha irmã a ficar sozinha ao lado de um desconhecido, pode ser um sinal de que ele encontrou o homem que estava procurando para desposar Lucy. E, se eu estiver certa, talvez eu tenha uma chance de conquistar o Diogo.”

Ao perceber o interesse de Martha, o rapaz continuou a agir de forma atenciosa e educada, mas, não desejando ser mal interpretado pela filha mais jovem do barão, ele manteve uma postura reservada e respeitosa. Algum tempo depois, a ausência de Lucy fez com que Frederico não visse mais motivos para continuar aquela conversa com Rodolfo. Então, disfarçando o seu desinteresse, ele disse ao anfitrião:

— A noite foi muito agradável, mas está ficando tarde e amanhã bem cedo eu tenho uma reunião de negócios importante. Por isso, eu e o Diogo, precisamos nos despedir.

— Ah, mas tão cedo? O senhor não teria tempo para mais uma dose de conhaque francês e uma rodada de cartas? — disse Rodolfo.

Após colocar a mão no ombro do anfitrião, encenando propositalmente uma certa intimidade, Frederico respondeu:

— Infelizmente, hoje eu terei que recusar o seu convite. Mas, eu tenho certeza de que não faltarão oportunidades para desfrutarmos de um agradável jogo de carta entre amigos.

— Certamente.

De onde estava, Diogo havia prestado atenção em toda a conversa do pai com o barão. Assim que Rodolfo e Frederico aproximaram-se de Diogo, Gustavo, Martha e Melena, eles interromperam a conversa do grupo. Sorrindo, Frederico disse:

— Eu sinto muito interromper a conversa de vocês, mas infelizmente eu e o meu filho precisamos retornar à hospedagem. Amanhã de manhã bem cedo, nós temos um compromisso de negócios inadiável e precisamos descansar.

Educadamente, todos se levantaram para se despedirem, quando Frederico continuou:

— Senhora Melena, eu gostaria de agradecer o esplêndido jantar que nos foi oferecido esta noite.

Satisfeita com o elogio, Melena sorriu e disse:

— Eu fico feliz que o senhor tenha apreciado as receitas que estão na minha família há gerações.

— Sem dúvida nenhuma, foi um dos melhores jantares da minha vida.

Após um breve suspiro, Frederico olhou para Rodolfo, sorriu e continuou:

— Barão Rodolfo, eu e o meu filho, agradecemos a recepção calorosa que tivemos esta noite em sua casa. Por favor, deixe lembranças minhas à senhorita Lucy.

— Não se preocupe, eu darei o seu recado. Mas, aproveitando a oportunidade, eu gostaria de pedir desculpas pela indisposição da minha filha. Espero que muito em breve, nós possamos realizar outros encontros tão agradáveis como o desta noite.

— Sem dúvida.

Educadamente, Diogo e Frederico despediram-se de Melena e Martha. Logo em seguida, Rodolfo e Gustavo acompanharam os convidados até a varanda. Após trocarem apertos de mão, o barão sorriu e disse:

— As portas da minha casa estarão sempre abertas para recebê-los.

— Nós agradecemos mais uma vez a sua hospitalidade. Boa noite — disse Frederico.

— Boa noite, senhores — respondeu Rodolfo.

Assim que a carruagem começou a se movimentar em direção à cidade, Diogo perguntou ao pai intrigado:

— Por que o senhor se recusou a participar de um jogo de cartas com barão Rodolfo?

Com um brilho malicioso no olhar, Frederico respondeu:

— Esta noite ainda não era o momento apropriado para dar início ao próximo passo do plano que eu tenho para o barão.

— O quê o senhor...

Naquele instante, o som dos atabaques ecoou pela fazenda, interrompendo a conversa. Surpreso, Frederico olhou pela janela e perguntou ao capataz de Rodolfo:

— Que barulho é esse?

— São os malditos escravos da fazenda.

— O que eles estão fazendo?

Demonstrando contrariedade, Tião respondeu:

— Eles estão cantando para os deuses africanos. Eu não sei como o barão ainda permite que eles façam este tipo de feitiçaria.

— Feitiçaria?

— Sim, senhor Frederico. Esses escravos trouxeram este maldito ritual de magia negra lá da terra deles, a África.

— Como são esses rituais?

— Eu não sei muito bem, senhor. Todas as vezes que eu tentei me aproximar, eles pararam a cerimônia macabra, sem que eu pudesse ver o que eles estavam fazendo. A única vez que eu consegui ver alguma coisa, foi uma noite que eu consegui me aproximar sorrateiramente da senzala e fique escondido no matagal, aguardando eles começarem o ritual.

— O que você viu?

— Primeiro, eles acenderam uma enorme fogueira. Depois, começaram a tocar os tambores que os levaram a cantar músicas estranhas no dialeto deles. Em seguida, alguns homens e mulheres começaram a dançar como se estivessem possuídos por uma força do mal. É assustador. Só vendo, para o senhor acreditar.

— E depois, o que aconteceu?

— Logo em seguida, todos eles pararam de cantar e tocar os atabaques, permanecendo parados em silêncio. De repente, para minha surpresa, um dos escravos que estava tomado por um desses espíritos malignos, começou a caminhar na minha direção e o meu coração acelerou. Quando ele estava a poucos metros de mim, eu pude ver um brilho diferente no olhar daquele escravo, que naquele momento, parecia ser outra pessoa. Apavorado, eu me afastei correndo sem olhar para trás. Depois dessa terrível experiência, eu nunca mais voltei a me aventurar a ficar perto da senzala, quando o som dos atabaques começa a ecoar pela fazenda.

Diogo que ouvia toda a conversa enquanto prestava atenção à melodia entoada pelos escravos, os interrompeu dizendo:

— Pode parecer estranho, mas eu estou gostando muito do ritmo vibrante dos tambores e das músicas que eles estão cantando. Mesmo não compreendendo o significado do que eles estão dizendo, essas melodias são contagiantes...

Frederico olhou para o filho, pronto para repreendê-lo quando um súbito mal-estar o envolveu, fazendo com que ele sentisse um incômodo arrepio percorrer todo o seu corpo. Naquele momento, tomado por uma estranha sensação, Frederico achou melhor não continuar com aquele assunto e permaneceu em silêncio. Ao perceber a fisionomia fechada do pai, Diogo notou que ele não compartilhava da mesma opinião. Mas, não querendo começar uma discussão, o rapaz resolveu mudar de assunto:

— O que o senhor estava querendo dizer com relação ao plano que tem para o barão?

Frederico esboçou um sorriso malicioso e disse:

— Aqui não é o melhor local para falarmos sobre este assunto. Amanhã, quando estivermos em um lugar mais reservado, eu revelarei os detalhes de como pretendo alcançar o meu objetivo.

Ao perceber um brilho familiar no olhar de Frederico, Diogo logo compreendeu o que seu pai estava planejando. Então, após um longo suspiro, ele disse:

— Se o conheço bem, eu já posso imaginar o que senhor está pensando em fazer. E, se eu estiver não estiver enganado, será melhor termos esta longa conversa após uma boa noite de sono.

Algum tempo depois, a carruagem parou em frente à hospedaria. Então, antes de descer, Frederico disse:

— Eu concordo com você. Nada melhor do que uma noite bem dormida para amadurecermos uma estratégia infalível. Especialmente, quando temos em nossas mãos, uma excelente oportunidade de negócio.

Após descerem da carruagem, Frederico e Diogo seguiram para os seus quartos na hospedaria, combinando de se encontrarem para o desjejum, às nove horas da manhã. No dia seguinte, durante o café, Frederico retomou a conversa interrompida na noite anterior.

— Meu filho, eu estou pensando em ficar com a fazenda do barão Rodolfo.

— Eu entendo o seu interesse pela casa-grande e a plantação de café, mas não me pareceu que ele estivesse disposto a vendê-las.

— Certamente não. Mas, antes de você chegar de viagem, eu concedi um empréstimo ao barão Rodolfo tendo a fazenda como garantia.

— E, o senhor está apostando que ele não vai conseguir pagar a dívida no prazo acordado.

Frederico sorriu, orgulhoso com a astúcia do filho e disse:

— Exatamente. Mas, você sabe que eu não aposto para perder...

— Eu sei, por isso, eu imagino que o senhor tenha algumas cartas na manga...

— Sem dúvida. Antes de entrar no negócio, eu já havia me informado da real situação do barão Rodolfo. O nosso anfitrião está atolado em dívidas. Então, após avaliar a fortuna que eu poderia lucrar se conseguisse tomar posse do império construído pela família dele, eu resolvi comprar todas as dívidas dos seus credores com deságio, fazendo um excelente negócio.

— O barão Rodolfo sabe que o senhor comprou todas as suas dívidas?

— Não. Eu precisava que ele acreditasse que eu estava emprestando dinheiro a ele, sem saber que ele estava endividado, à beira da falência. Portanto, na negociação com os credores, eu impus três condições em nosso acordo. A primeira, que Rodolfo não poderia saber que eu havia comprado as suas dívidas. A segunda, que nenhum deles poderia conceder mais nenhum empréstimo ao barão. E, por último, que eles deveriam agir como meus prepostos, para receber

os valores das dívidas e depois me repassar, caso Rodolfo viesse a pagar alguma parte do que devia a eles.

— Entendi. Quando o barão não conseguiu mais nenhum novo empréstimo com os seus antigos credores, o senhor apareceu como salvador da pátria. O senhor o fez acreditar que ele estava se aproveitando da ingenuidade de um forasteiro desavisado para conseguir melhores condições na negociação, imaginando que o senhor não tinha a menor ideia da sua real situação financeira.

Naquele momento, Frederico pensou em Lucy. Após olhar para o filho com um brilho diferente no olhar, ele disse sorrindo:

— Portanto, muito em breve, eu alcançarei todos os meus objetivos...

Após a afirmação de Frederico, Diogo teve certeza de que o pai não estava somente interessado na fazenda, então perguntou:

— Pai, eu conheço esse olhar. Além da fazenda, o que mais despertou o seu interesse?

Orgulhoso com a astúcia do filho, Frederico respondeu:

— Diogo, você me conhece como a palma da sua mão. O tempo passa e cada vez mais eu me orgulho de ter um filho como você, inteligente e astuto como eu.

Após sorrir para o filho com malícia, Frederico continuou:

— O que você acha que me interessou?

Imediatamente, Diogo lembrou-se de Lucy. Escondendo a atração que sentiu pela bela jovem, Diogo disse:

— Mas, a Lucy tem idade para ser sua filha...

Frederico sorriu, colocou a mão no ombro do filho e disse:

— Por acaso você está insinuando que eu estou ficando velho?

Retribuindo o sorriso, Diogo respondeu:

— Não, é claro que não. Eu sei que o senhor está em perfeita forma física.

Então, pai e filho começaram a se lembrar de algumas aventuras amorosas que eles haviam vivido no passado. Diogo respeitava e amava profundamente o pai, mesmo não concordando com os métodos escusos que Frederico quase sempre utilizava para alcançar os seus objetivos. O bondoso rapaz entendia a fragilidade de caráter do pai, como a forma que Frederico encontrou para sobreviver a uma infância difícil e solitária.

A perda da mãe, logo após o nascimento de Frederico, fez com que ele fosse criado pelo avô e pelo pai, dois homens que tinham um profundo desequilíbrio moral. Além disso, por eles serem jogadores inveterados, o menino cresceu, em meio ao ambiente vicioso das mesas de jogos, das bebidas, das trapaças, da corrupção e das mulheres da noite.

Desde a infância, Frederico sofreu muito com a ausência materna. A vida desregrada do pai e do avô, fizeram com que o menino perdesse a inocência muito cedo, fazendo com que ele fosse obrigado a aprender os meandros dolorosos da vida adulta para sobreviver.

Assim como o pai, Diogo perdeu a mãe, logo após o parto. Mesmo devastado com a tragédia, Frederico fez tudo o que pôde para preencher o vazio da ausência da mãe no coração do menino, não querendo que o seu amado filho sofresse como ele havia sofrido.

Ao longo de muitos anos, Frederico teve vários relacionamentos à procura da mulher que pudesse substituir a sua falecida esposa, no papel de mãe e companheira. No entanto, em pouco tempo, ele se cansava de cada uma delas, sem que nenhuma tivesse conseguido conquistar o seu difícil e conturbado coração. Em meio a tantas decepções, Frederico acabou cuidando do filho sozinho, criando ao longo dos anos, um inabalável vínculo de confiança e amor entre os dois, selando para sempre a união e a cumplicidade entre eles.

No entanto, apesar do forte vínculo que Diogo tinha com o pai, ele não concordava e não participava das trapaças que Frederico tinha o hábito de fazer nas mesas de jogo. Ao longo dos anos, o rapaz tentou inúmeras vezes dissuadir Frederico do seu comportamento inadequado, apresentando ao pai, louváveis argumentos que justificavam o quanto era sensato o seu pedido.

Contudo, apesar de sempre ouvir com atenção os apelos do filho, Frederico trazia em sua alma sombras viciosas do passado, que o mantinham algemado ao prazer da vitória, não importando os meios que ele utilizava para alcançá-la. Então, contrapondo-se aos argumentos do filho, ele afirmava com convicção:

— Meu filho, nesse mundo, apenas o mais forte vence. Essa é a lei da sobrevivência. Essa é a lei que eu conheço. Foi assim que eu construí o meu império. Um dia, com o passar do tempo, as lutas da vida farão você concordar comigo.

Sentindo-se culpado por não conseguir fazer o pai mudar de opinião, Diogo o abraçava carinhosamente e dizia:

— Eu compreendo as razões que levaram o senhor a pensar e agir desta forma. Mas, sinceramente, eu acredito que um dia, o senhor irá perceber que eu tenho razão, e, finalmente, mudará o seu entendimento sobre a vida...

No início da noite, no salão de jogos da cidade próxima à fazenda, Rodolfo conversava com amigos, preparando-se para sentar-se à mesa de jogo, no local exclusivo que era reservado para jogadores de elevado poder aquisitivo, quando Frederico entrou na sala. Ao vê-lo, o barão logo interrompeu a conversa com os amigos, pediu licença e foi cumprimentá-lo.

— Boa noite, senhor Frederico. É um prazer revê-lo.

— O prazer é todo meu.

— Como foi a sua reunião de negócios?

— Excelente. Não poderia ter sido melhor...

Pensando em aproveitar a oportunidade para ganhar dinheiro com a inexperiência de Frederico, Rodolfo sorriu e disse:

— Então, vamos celebrar! O que o senhor acha de se juntar a um grupo de amigos meus em um jogo de cartas.

Fingindo demonstrar hesitação, Frederico respondeu:

— Eu não sei. Não tenho muita sorte com as cartas...

Procurando encontrar uma forma de encorajá-lo a jogar, Rodolfo colocou a mão no ombro de Frederico e disse:

— Venha, eu vou apresentá-lo aos meus amigos. Depois de bebermos um pouco e conhecê-los melhor, talvez o senhor mude de ideia. Quem sabe hoje pode ser o seu dia de sorte!

Frederico sorriu e disse:

— Quem sabe...

Enquanto caminhavam em direção ao grupo de amigos de Rodolfo, Frederico perguntou:

— O seu filho não veio jogar com o senhor hoje?

— Hoje não. Ele está em uma festa privada com amigos... o senhor sabe, mulheres, diversão e muita bebida, tudo que os jovens adoram...

Satisfeito com a ausência de Gustavo, Frederico olhou para o barão com cumplicidade e disse com um sorriso nos lábios:

— Certamente. Mas, pela minha experiência, não somente os jovens gostam deste tipo de festa...

— Sem dúvida. Nada melhor do que uma festa como essa para que possamos nos divertir... E, o seu filho, não pôde acompanhá-lo esta noite?

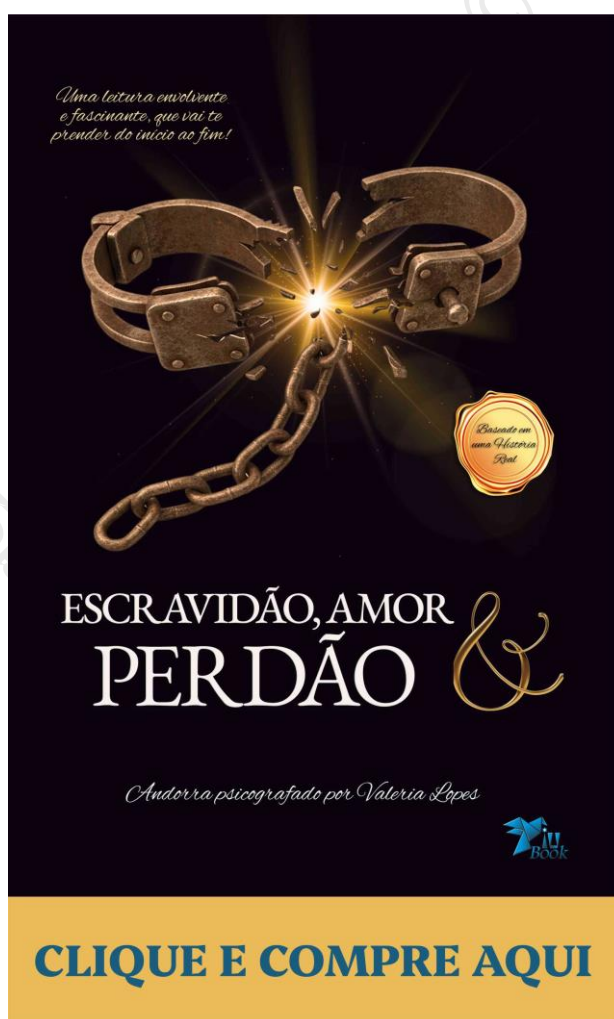
— Como o seu filho, o Diogo também tinha um compromisso com amigos em uma cidade vizinha.

— Então, vamos seguir o exemplo dos nossos filhos e aproveitar esta noite.

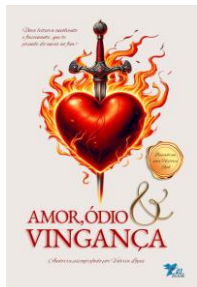
A história continua...

**Você acabou de ler sua “degustação” do livro
Escravidão, Amor e Perdão**

**Clique na imagem da capa abaixo e adquira a versão
completa deste romance inesquecível.**



Romances da Série: As Vidas de Andorra



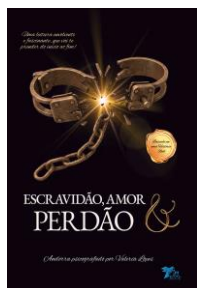
Amor, Ódio e Vingança

Na França de 1510, uma falsa acusação de bruxaria forjada pela abastada família Werck, leva à morte uma bela jovem pela fogueira da inquisição, desencadeando no espírito imortal da acusada uma batalha entre o amor e o ódio, com consequências imprevisíveis na vida de todos os envolvidos nesta saga romântica de almas apaixonadas.



Lágrimas, Amor e Redenção

Na França de 1539, a vida continua célere na esplendorosa Paris, após a trágica e misteriosa morte dos ancestrais da família Werck nas terras ao sul do reino. A maldição dos Werck se renova com o nascimento dos gêmeos Barbara e Leonardo. Almas que renascem nesta vida unidas por um grande amor. Inesperadas reviravoltas acontecem ao longo desta saga romântica intensa e envolvente, até que os irmãos consigam encontrar a paz e alcancem enfim... o amor eterno...de almas eternas.



Escravidão, Amor e Perdão

No Brasil do século XIX, em uma fazenda de café marcada pela escravidão e pelo preconceito, Lucy, uma linda jovem de origem europeia e herdeira de um barão do café, e Oxalufã, filho de uma sábia escrava, são unidos por um reconhecimento que atravessa os séculos e desperta promessas de um passado distante. Entre a dor, a renúncia e o sacrifício, eles enfrentam um mundo que não os permite viver esse amor, mas que não pode impedir o chamado da eternidade. Porque há sentimentos que não pertencem a uma única existência e essas almas apaixonadas encontraram no perdão a verdadeira liberdade.



Traição, Amor & Destino:

Segredos do Passado – Parte 1

Na Inglaterra vitoriana, uma tragédia abala a poderosa família Herbert. Em meio a segredos, traições e escolhas irreversíveis, a chegada de Carolina — uma jovem de origem humilde — ao imponente castelo desperta forças que vão além do mundo material. Entre amor e ódio, vingança e perdão, o passado ressurge, provando que apenas a verdade pode libertar almas aprisionadas pelo orgulho.

Prepare-se para mais emoções...

O próximo livro da série está chegando!!!

Para adquirir os romances, visite o site:

www.piubook.com.br

Série: As Vidas de Andorra



Até onde você iria por um amor verdadeiro?

Quantas vidas você estaria disposto a viver e quantas batalhas você enfrentaria para alcançar este amor?

Descubra "As Vidas de Andorra", uma série envolvente e emocionante que explora as algumas vidas passadas do Espírito Andorra.

Psicografada pela médium e escritora Valeria Lopes, "As Vidas de Andorra" revela a força do amor eterno — superando a própria morte e se perpetuando por muitas vidas. Cada volume da série é uma janela para uma existência passada, desdobrando as histórias de almas interligadas cujos caminhos se cruzam através dos séculos. As tramas abordam vários assuntos, como: amores proibidos, arrogância, ganância, traições, inveja, vingança, ódio, justiça, amor, e perdão.

Cada livro revela o lado mais sombrio do ser humano, nos mostrando que, mesmo que não pareça, as más ações trazem colheitas amargas. Mas também, nos apresenta a beleza que existe nas pessoas que escolhem viver sob a Luz do Criador, revelando que, mesmo em tempos difíceis, sempre existirá esperança aos que confiam na misericórdia divina!

Por que mergulhar nas "Vidas de Andorra"?

"As Vidas de Andorra" é uma série de livros com uma narrativa envolvente, que vão te prender do início ao fim.

Cada volume o transportará para momentos históricos, envolvendo-o emocionalmente na vida de seus personagens. É uma série que desperta emoções profundas e traz lições transformadoras. Em alguns momentos, você vai sentir raiva e indignação, em outros, esperança e leveza. Esta série te deixará com "borboletas no estômago", ao mesmo tempo em que faz você pensar e refletir muito após terminar a leitura. Esta é a magia de se conectar com histórias verdadeiras, vividas por personagens reais.

"As Vidas de Andorra" é muito mais do que apenas um compilado de bons livros...

É um verdadeiro presente divino que a espiritualidade nos permitiu ter acesso!

Junte-se a Andorra em suas várias existências, onde cada encarnação é uma peça de um quebra-cabeça maior, revelando pouco a pouco os mistérios que apenas o tempo pode solucionar. Adquira a série "As Vidas de Andorra" agora e faça parte desta jornada épica de amor, aprendizado e espiritualidade.

Para conhecer mais sobre a série, visite o site:

www.piubook.com.br

Fale conosco através do e-mail

contact@piubook.com

A Autora - Valeria Lopes



A autora nasceu em uma família espírita, na cidade do Rio de Janeiro, Brasil. Desde criança, devido a sua extrema sensibilidade, sempre teve contato com o mundo espiritual.

Ao longo da vida, com a ajuda de seus amigos espirituais, desenvolveu a mediunidade, aprendendo a usar este dom em auxílio do próximo. No ano de 1998, foi inspirada pelo espírito Andorra, utilizando a psicografia e clarividência para escrever seu primeiro romance. Segundo a autora:

“A responsabilidade do trabalho espiritual é enorme e, por este motivo, espero continuar merecendo o dom de receber histórias que falam sobre a vida e a morte, tentando, de alguma forma, ajudar a todos aqueles que passam por provações, dando-lhes paciência, compreensão e resignação. Ao longo de todos esses anos, eu vivi inúmeras experiências com os meus amigos espirituais, e trago em meu coração muita gratidão por todo este tempo em que estamos juntos e unidos na alegria de servirmos ao bem.”

Para conhecer mais sobre a autora, visite o site:

www.piubook.com.br

Fale com a autora através do e-mail

contact@piubook.com

A Editora - PiuBook

A PiuBook tem como missão trazer histórias que toquem corações e despertem consciências para a realidade espiritual, a fim de que assim, possamos trilhar a nossa jornada evolutiva semeando o bem, a fraternidade e o amor por onde passarmos.

Para conhecer mais sobre a editora, visite nosso site

www.piubook.com.br

Curta nossas páginas nas redes sociais

www.facebook.com/piubook

www.instagram.com/piubook

www.twitter.com/piubook

www.tiktok.com/@piubooks

Fale conosco através do e-mail

contact@piubook.com



Palavras de Amor, Sementes de Luz!!!